PAINEL DA DESIGUALDADE: UM PROPOSTA DE REFLEXÃO TEÓRICO-PRÁTICA, A PARTIR DO CONTEÚDO JOGO EM PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Sérgio de Almeida Moura - FEF/UFG
sergio.efisica@gmail.com

INTRODUÇÃO:

Este relato tem como objetivo explicitar a experiência vivida com crianças de 8 anos numa escola municipal de Goiânia da região leste da capital. Buscou-se nesse trabalho ampliar a compreensão dos alunos acerca do conceito de pobreza e construir o conceito de desigualdade, partindo do conteúdo Jogo nas aulas de Educação Física.

Esse objetivo reflete nossa compreensão sobre uma perspectiva histórico-crítica que objetiva preparar os cidadãos para compreender o lugar onde vivem e lutar para transformá-lo. A princípio, exitamos em propor o trabalho entre os alunos, mas, compreendendo o lugar sócio-cultural vigente entre a população atendida pela escola, objetivamos dentro do possível, chegar à maior radicalidade que o tema poderia produzir entre os alunos, procurando estabelecer fidelidade entre o par dialético objetivo-avaliação (FREITAS, 1995).

Paulo Freire nos provocou poderosamente quando escreveu:

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez. (2002, p.17)

O desenvolvimento e metodologia do projeto:

Pensamos conforme Veiga (1995), ao postular seus pressupostos sobre as razões e motivações para a construção do Projeto Político Pedagógico. Sabemos dos limites no interior da escola para que haja coerência nesse processo, mas não nos amedrontamos frente à necessidade de fazer mais e fazer diferente do já se fez, quando se pensou ensinar Educação Física na escola pública.

Ainda que com limites de compreensão coletiva sobre a necessidade do desenvolvimento do projeto, a primeira ação teve como elemento provocador a seguinte pergunta: **de onde vem a pobreza?** Ah! Por causa dessa pergunta, tivemos uma próxima aula inteira de diálogos. Entre muitas tentativas (entre dizer que a pobreza vinha de “deus”, da preguiça, dos pobres, entre outros), conseguimos identificar que a pobreza é um fenômeno eminentemente humano e que não “nasceu” agora, mas há muito tempo atrás! Isso já era suficiente, pois vale lembrar que estamos trabalhando com crianças de 8 anos. Em seguida, dando continuidade à perspectiva planejada para o semestre, que era de estimular os educandos a pesquisar sobre as diversas manifestações da Cultura Corporal, nesse caso sobre Jogos e Brincadeiras e, entendendo que o tema é bastante amplo, recortamos inicialmente para a idéia de encontrarmos jogos que tivessem a tônica competitivista. A partir daí, começamos, o professor e os alunos, a apresentar os resultados de suas pesquisas.

No decorrer as experiências de jogos competitivos, pudemos juntos compreender aspectos da competição que fazia uns poucos felizes e uma grande maioria triste e irritada com a derrota. Pudemos compreender juntos também que determinados jogos não atingiam seus objetivos porque algumas regras não eram respeitadas. A exemplo da atividade chamada **‘PARE-BOLA’**, cujo desenvolvimento precisa que as crianças objetivassem fugir da bola. Como isso não aconteceu quase nunca, na roda de conversa posterior sobre a aula, houveram reclamações de que muitos colegas não respeitaram a regra de fugir da bola e que por isso, sentiam-se enganados pelos colegas que não respeitavam as regras.

Não foi preciso fazer mais esforços para chamar a atenção dos alunos acerca do objetivo do projeto painel da desigualdade. A partir do **‘PARE-BOLA’**, iniciamos nossas

reflexões sobre a relação: **Jogo-Regras-Desigualdade-Felicidade**. O desenrolar das ações deste projeto foram compostas de:

- filmes de longa duração e pequenos vídeos;
- melodia e letra de canções;
- atividades na praça em frente a escola;
- e mais experimentações de jogos competitivos;
- experimentações de jogos de natureza cooperativa;

Os alunos foram provocados com aulas expositivas sobre os diversos contextos da Educação Física no Brasil. Assistiram vídeos e documentários sobre diversas práticas corporais que fazem parte do repertório local, regional e nacional da educação física brasileira, bem como, os documentários: “Ilha das flores”; “O príncipe das águas”, este último, uma produção didática dos Ministérios da Educação e Meio Ambiente. Posteriormente, produziram frases que manifestassem o significado das gravuras, figuras e desenhos e registrassem em seus cadernos. Após um acompanhamento dessa etapa foram orientados a construir efetivamente, o que chamamos de seu: mini-painel. Especificamente, os alunos trabalharam (conforme imagens anexadas) na confecção coletiva e individual de seu próprio mini-painel retratando aspectos da desigualdade entre os homens.

Objetivamos que os alunos conseguissem materializar através de um mini-painel, um olhar particular acerca do tema proposto; que compreendessem a relação entre o que apreendem e o que pesquisavam; e que conseguissem falar sobre essas compreensões durante e depois das vivências das práticas corporais em questão.

Problematizando a prática pedagógica na Educação Física Escolar:

Ouve-se em todos os cantos há algum tempo, que o trabalho da Educação Física na escola é “rolar bola”, fazer de qualquer jeito, enfim, ouve-se muitas coisas descabidas, ainda que em muitas escolas essa seja a realidade.

Não somente não aceitamos esses adjetivos, como encaminhamos formatos não-tradicionais de práticas educativas que exigem esforços de criticidade; reconhecimento e que os alunos trazem saberes de onde vem e vivem; compreensão de que o

conteúdo de ensino, seja ele qual for, necessita dialogar com a realidade, com a vida que é vivida por alunos e professores. (FREIRE, 2002)

Ao pensar o educando entendemos que é preciso: conhecer suas necessidades, suas expectativas, às vezes suas angústias e o lugar que ocupam no contexto das classes sociais;

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2002, p.15)

E ainda, conhecer suas potencialidades e seus limites frente às possibilidades socio-cognoscitivas, pois vislumbramos orientar uma forma de trabalho que trouxesse para o interior da escola e da prática na disciplina Educação Física, experiências que fossem significativas e dialógicas. Desta maneira, o **Projeto Painel da Desigualdade**, foi pensado na perspectiva de garantir tempos e espaços na organização do trabalho pedagógico da Educação Física e da escola, para que a criação e a autonomia fossem estimuladas entre os educandos, mas também e sobretudo, para que os alunos fizessem primeiras aproximações orientadas pelo professor sobre os conceitos de pobreza e desigualdade.

Considerações provisórias:

O trabalho desenvolvido com os alunos mostrou-se como um campo de possibilidades para a Educação Física produzir conhecimentos que tenham sentidos e significados que tenham como ponto de partida, a própria história e realidade de cada um dos alunos e suas famílias, da escola e dos professores. Buscamos estimular os alunos a criar idéias, frases, entendimentos a partir de imagens provocativas dos elementos da cultura corporal, teoria norteadora para a Educação Física naquela escola.

Para uns, as exigências que foram comuns a todos, acabaram mais rigorosas do que para outros, porém, para todos, a perspectiva de serem sujeitos da construção de seus saberes. Observamos que ao longo do tempo de desenvolvimento do projeto, que os

alunos com deficiência nas competências de leitura e escrita, apresentaram maior dificuldade no que diz respeito ao registro dos sentidos e significados, mas a todos foi garantido a possibilidade de serem avaliados a partir das condições que tinham durante a realização do projeto.

Observamos que a compreensão teórica e prática apresentada pelos alunos ao longo do trabalho sobre a relação regras, desigualdade e felicidade demonstrou as contradições da própria sociedade onde "todo mundo" quer "dar um jeitinho" para ficar bom pra si, sem a preocupação de como vai ficar para o outro, e que há pouco esforço para compartilhar com o outro o prazer de ceder a vez para ver o outro feliz também.

A aproximação dos alunos ao universo da cultura corporal exige que outros trabalhos sejam desenvolvidos, com metodologia semelhante, com outras temáticas e provocações. E por fim, observamos que as primeiras aproximações dos alunos sobre os conceitos de pobreza e desigualdade trouxeram inquietações para alguns e indiferença para outros. A esse dado avaliativo, compreendemos que os contextos sócio-familiares, sócio-culturais, sócio-educacionais interferem na capacidade momentânea de elaboração de idéias, de interesses e de expectativas sobre o que conteúdos como esses tem a ver com ele ou com o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Escola; Jogo; Desigualdade

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, L.C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** Campinas-SP, Papirus, 1995.

GARCIA, R.L. (org.). **Múltiplas linguagens na escola.** Rio de Janeiro-RJ, DP&A, 2000.

VEIGA, I. P. A. **O projeto pedagógico na escola: uma construção possível.** Campinas-SP, Papirus, 1995.